

# Resignificado



SILVIA CUSTANTIN WALLER

**Para o designer francês Philippe Starck, famoso por dar novos significados a objetos do cotidiano, o mundo precisa atualmente de profissões que salvam vidas. EU& Fim de Semana**

SILVIA COSTANTI/VALOR



**À Mesa com o Valor** Designer francês Philippe Starck diz a Maria da Paz Trefaut que o mundo precisa de profissões que salvam vidas **Pág. 16**

Para designer francês famoso por dar novos significados a objetos do cotidiano, mundo precisa de profissões que salvam vidas. Por **Maria da Paz Trefaut**, para o Valor, de São Paulo

# A utilidade do inútil

A fama de “enfant terrible” adquirida na juventude é indissociável da imagem de Philippe Starck. “Virei um velho ‘enfant terrible’”, diz o designer, arquiteto, inventor e diretor artístico francês de 67 anos, um dos mais prolíficos e influentes das últimas décadas. Sua chegada ao restaurante japonês Kinoshita, na Vila Nova Conceição, em São Paulo, na hora do almoço, não passa despercebida. Usando uma calça estampada e uma camiseta “dry fit” cinza, ele compõe um par colorido com a mulher, Jasmine, de saia estampada e camiseta amarela. São recebidos pelo dono da casa, Marcelo Fernandes, e pelo chef Tsuyoshi Murakami, que os conduzem a um espaço reservado para este “À Mesa com o Valor”.

Suas visitas ao Brasil têm sido frequentes há ao menos sete anos, desde que integrou a

equipe da Cidade Matarazzo, em São Paulo, um megaempreendimento com previsão de entrega para 2018 e investimento de cerca de R\$ 1,4 bilhão do Grupo Allard, comandado pelo empresário francês Alexandre Allard. Localizado a um quarteirão da avenida Paulista — entre as ruas Itapeva, São Carlos do Pinhal e alameda Rio Claro —, o complexo com área total de 27 mil m<sup>2</sup> vai reunir hotel, centro cultural, loja de departamentos, restaurantes e escritórios.

Antes mesmo do começo da entrevista, Starck faz questão de enfatizar que este almoço é uma exceção em sua rotina. O casal afirma que não costuma aceitar convites para comer fora — eles vivem entre ilhas e florestas, em casas na França, em Portugal e na Itália, perto de Veneza. “Relutamos muito em aceitar este convite. Mas agora estamos aqui com prazer”, diz ele, com

simpatia, depois de se recusar a ser fotografado enquanto fala.

O designer pede uma cerveja, algo que raramente consome, apesar de produzir a bebida no interior da França, onde também faz uma champanhe na “maison” Louis Roederer — tudo com seu nome. Quando chega à mesa uma garrafa de cerveja Sapporo, ele se surpreende e conta que, quando bebe, a escolhida costuma ser a Asahi, marca também japonesa, que o ajudou financeiramente quando dava seus primeiros passos no mundo do design.

Filho de um engenheiro aeronáutico e de uma pintora, Starck estudou design de interiores e produtos na École Nissim de Camondo, em Paris, mas após dois anos largou o curso de cinco anos. No fim dos anos 60, começou a trabalhar com estruturas infláveis, criou uma empresa de produtos nesses moldes, in-





MICHEL DUFOUR/WIREIMAGE

**Philippe Starck entre a mulher, Jasmine, e o estilista Karl Lagerfeld**



MICHEL EULER/AP

**Com Christine Lagarde, então ministra francesa das Finanças em 2008**



ANTONIO CALANNI/AP

**Com o cantor e compositor americano Lenny Kravitz em Milão**



DIVULGAÇÃO

**O espremedor de Starck, Juicy Salif, propõe o inusitado no cotidiano**

cluindo cadeiras e outros itens de mobiliário, e ganhou destaque em salões de design.

Starck tornou-se um profissional inquieto, que em diversas ocasiões costuma se pronunciar sobre os mais diversos e subjetivos temas, como o destino da humanidade. Declarando-se uma pessoa de “mentalidade comunista”, é autor de cerca de 10 mil criações de diferentes variedades, que vão de hotéis e restaurantes a barcos, aviões e carros elétricos, de óculos, relógios e roupas a móveis e equipamentos médicos. Suas peças estão em coleções importantes e já integraram exposições dos principais museus do mundo, do Museum of Modern Art, em Nova York, ao Centro Georges Pompidou, em Paris.

Apesar de ter feito seu nome na área, ele afirma que é inútil ser designer no mundo de hoje, uma vez que o design não salva vidas, algo “incompatível com o momento atual”. “Hoje temos profissões úteis, que salvam vidas, e outras inúteis, que não salvam. Todos nós, nesta mesa, somos inúteis.” Starck vem falando sobre sua “inutilidade” desde ao menos 2007: durante uma palestra TED naquele ano, ele arrancou risos da plateia ao falar sobre o tema. “Eu me sinto um b.”, disse na ocasião. Quase dez anos depois, ele aponta para o chef Murakami e diz: “Ele é um pouco menos inútil, porque nutre”. “Thank you very much. Uhhhhh”, responde o sushiman.

Vivemos hoje, segundo Starck, na parte de baixo da curva da evolução humana. Quando estamos na parte alta, podemos nos permitir o luxo de nos interessar por coisas secundárias, diz. “Ah, que linda esta mesa, que belo quadro, olha que vestido bem cortado. Isso é Ok, porque em momentos assim o design é correto.”

Murakami pergunta a Starck se ele e a mulher têm alguma restrição alimentar. “Estamos com muita fome. Às vezes, nas degustações japonesas, dá para dormir entre um prato e outro”, diz Starck. “Mas aqui é Brasil”, diz o chef, emendando: “Vamos começar, aproveitem”.

Foi na “maison” do estilista francês Pierre Cardin, atualmente com 94 anos, que Starck teve seu primeiro grande cargo. O designer havia projetado alguns móveis, mas não eram para as lojas tradicionais. “Essas lojas tinham um conceito tão velho, e o que eu fazia era revolucionário”, diz. Na época, Cardin era vanguarda e por isso contratou Starck para desenvolver o mobiliário da grife. “Em poucos meses, porém, me dei conta de que andávamos em vias diferentes. Ele era um capitalista, e eu, um comunista. Queria que eu fizesse móveis de

€1 milhão para uma pessoa, enquanto eu queria fazer móveis de €1 para 1 milhão de pessoas”, lembra, com uma gargalhada.

O designer diz que o mundo não pode continuar sem uma reforma profunda, total, da estrutura econômica e política. “O capitalismo não pode continuar. Não é possível. O capitalismo mata.” Sua análise é de que o comunismo não teve tempo de provar seu valor e foi imediatamente desfigurado, sequestrado por gângsteres. “Sim, já vimos um governo comunista. Mas ninguém viu a ideia comunista realizada.”

Os pratos chegam rapidamente e em sequência. “Formidável. Maravilhoso”, diz ele sobre a comida. A degustação começa com shot de ostras, segue com polvo com shisô, sashimi, sushi, vieiras e salmão marinado. Especialmente para o designer, o chef Murakami traz um temaki de ouriço do mar. Depois vem o sobá gelado.

A escalada de Starck para o sucesso começou a ganhar maior impulso nos anos 70, quando se destacou também pelo design de interior de casas noturnas francesas, como La Main Bleue e Les Bains Douches e o Starck Club, em Dallas, EUA. No mesmo período, fundou sua primeira companhia de design em escala industrial, o que lhe rendeu parcerias com grandes grupos internacionais.

Para Starck, são inacreditáveis as diferenças sociais em países ricos, como os Estados Unidos. “Você vai para Nova York, pega a avenida Madison e, num momento, perto da rua 70, há um castelo de tijolos vermelhos. De um lado do castelo há extrema riqueza; do outro, extrema pobreza: 50m separam uma área da outra.” Um país rico, diz o designer, será um país onde todos serão ricos. Cita como exemplo a Suíça, onde há pobres, mas não nas mesmas proporções. “Olhe a situação de vocês aqui no Brasil. Há pessoas muito ricas, que vivem em fortalezas e andam com um guarda de cada lado. Você acha que isso forma uma sociedade harmoniosa? Isso não tem nenhum futuro! Não dá para levar a vida guardada por soldados. Uma hora os soldados nos comem.”

A proximidade com o poder oficial tem sido frequente na carreira de Starck. Em 1983, por indicação do então ministro da Cultura francês, Jack Lang, ele foi escolhido para decorar a residência oficial do presidente François Mitterrand (1916-1996) no palácio Elysée. Foi o grande momento de virada na carreira de Starck. No ano seguinte, o design do Café Costes, em Paris, com seu interior retrô e futurístico, funcional e ao mesmo tempo gracioso, virou referência internacional. Não por acaso, foi nesse mo-

“Hoje temos profissões úteis, que salvam vidas, e outras inúteis [como designer], que não salvam. Todos nós, nesta mesa, somos inúteis”

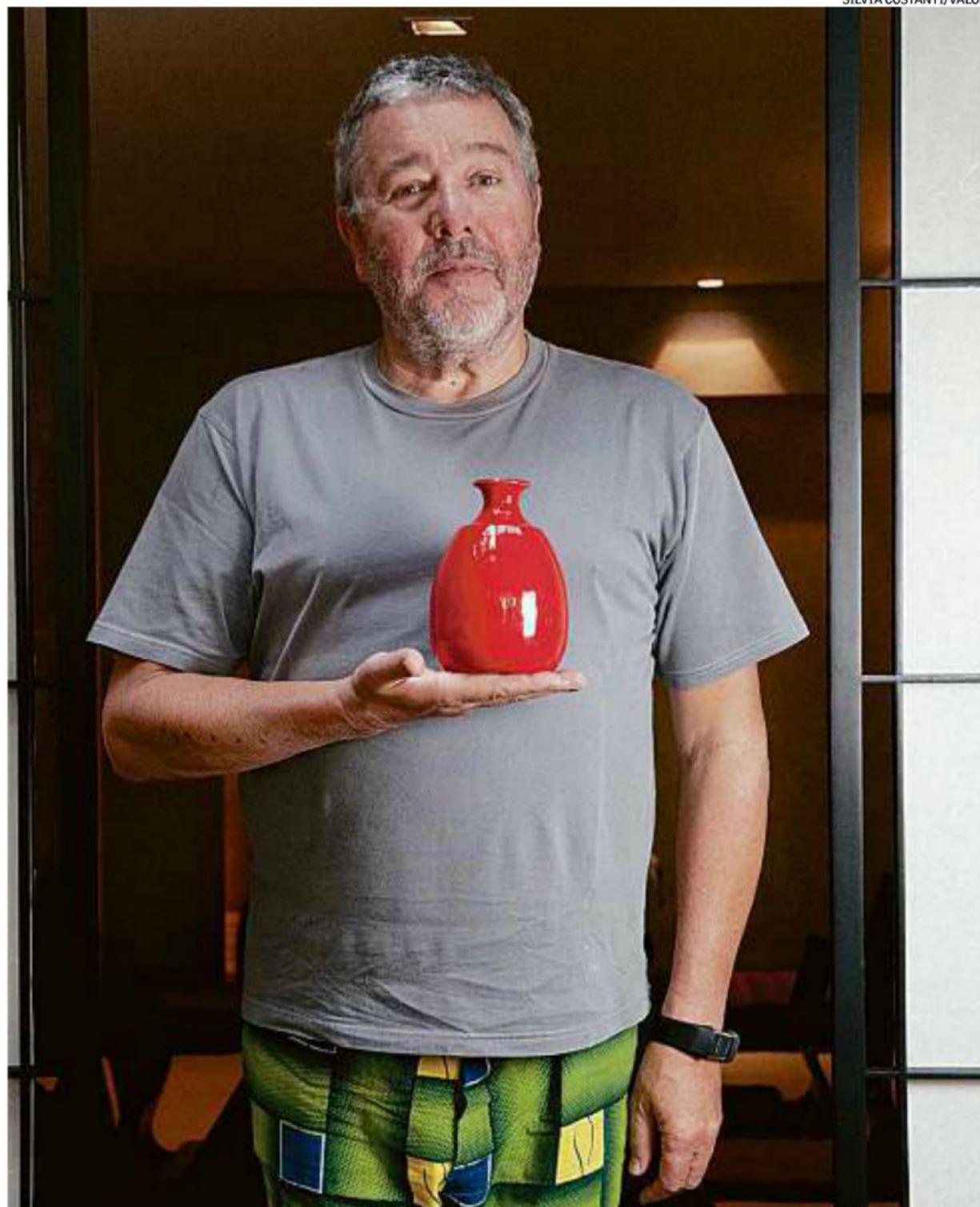
mento de destaque na década de 80 que Starck começou a colocar sua assinatura em hotéis e a desenvolver a arquitetura exterior de prédios — no Japão, em Londres, Nova York e Paris, entre outras cidades.

Starck diz que o projeto da Cidade Matarazzo, em São Paulo, é o mais difícil que já realizou. “Não é marketing. É um projeto longo, feito com rigor moral. Toma tempo”, diz. A área do empreendimento, hoje tombada, abrigou a partir de 1943 o hoje desativado hospital Umberto Primo (mais conhecido como Hospital Matarazzo) e vai receber um prédio — parte do primeiro hotel Rosewood na América Latina — assinado pelo francês Jean Nouvel, vencedor em 2008 do Prêmio Pritzker, o maior reconhecimento mundial da arquitetura. As características arquitetônicas originais das edificações da área deverão ser mantidas.

Starck considera o empresário Alexandre Allard, de 48 anos, criador do projeto, um modelo de homem que já não se vê mais nos dias atuais, cujo espírito aventureiro e visionário costuma ser mais frequente em livros dos séculos XVI ao XIX. Starck conheceu Allard no lobby do Hotel Royal Monceau, em Paris, que o empresário acabara de comprar. Ao ver sua paixão pelo Brasil e o que queria fazer, Starck começou a se interessar pelo projeto.

“Vamos mostrar que o Brasil não é só o país do Carnaval e que tem raízes extraordinárias: artistas, artesãos, ‘savoir-faire’”, afirma Starck. “Estamos fazendo o maior museu vivo do Brasil. Dentro de alguns anos serei o maior especialista mundial no mobiliário brasileiro”, diz. “Conheço, estudei, pesquisei não só Sergio Rodrigues ou Oscar Niemeyer, mas gente muito menos conhecida.”

Starck não é nenhum neófito em Brasil.



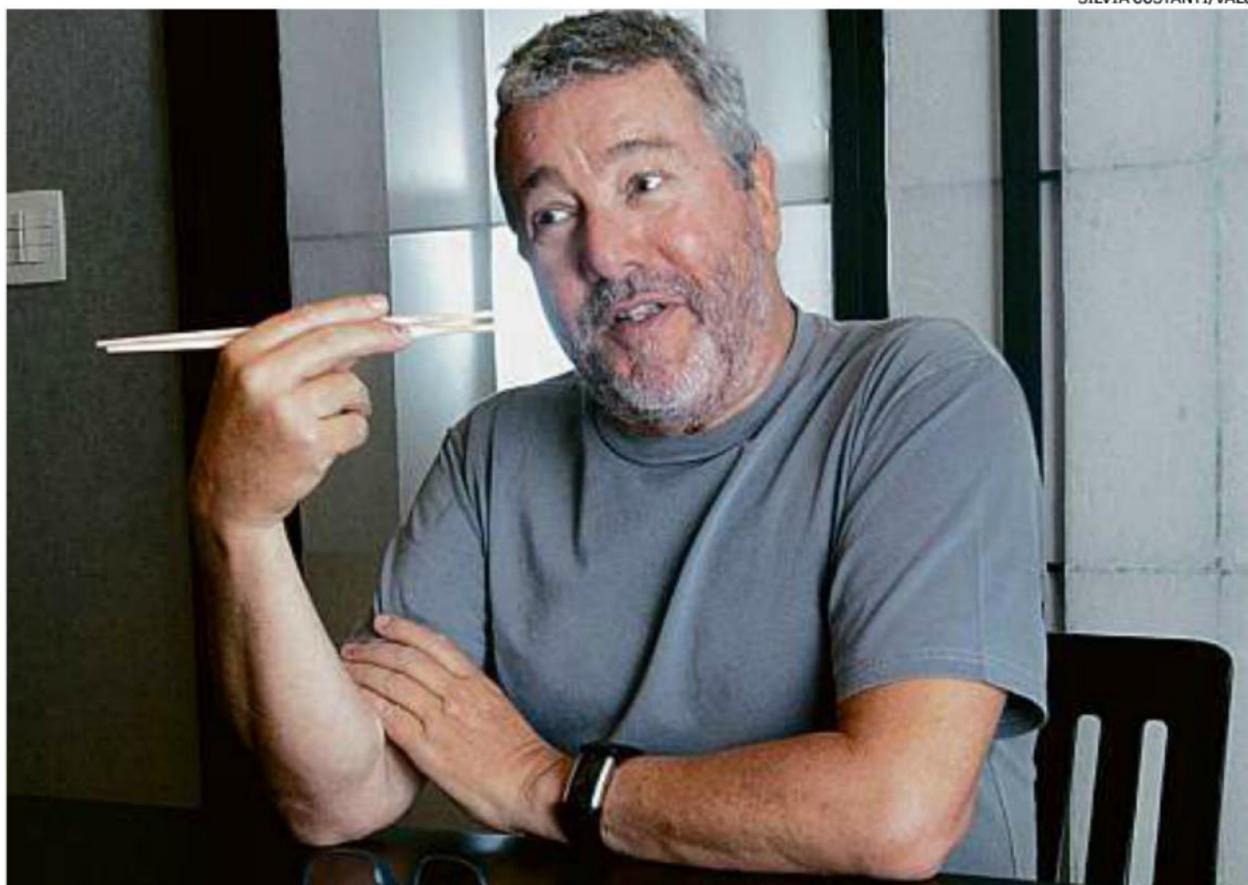
O designer francês Philippe Starck se considera o inventor do design democrático: trabalha no mundo do luxo, mas também no mundo popular

Em 2007, por exemplo, desenvolveu, no Rio de Janeiro, a arquitetura interior e a decoração do hotel Faena e a arquitetura interior e exterior do Fasano, em que buscou fazer referências aos designers brasileiros dos anos 50 e 60. Para Starck, a riqueza das raízes brasileiras é ímpar, e o país é o único que ainda possui um tesouro de humanidade. “Sabe o que é fascinante?”, pergunta. “Esta ‘carne’ do brasileiro, que dá ao povo um poder extraordinário. Em todo o lugar do mundo, a ‘carne’ virou um produto vendável quando ainda existia. Aqui, não. No mundo se usa perfume, aqui tem o cheiro do suor. Prefiro o suor ao cheiro de perfume.”

Sua preferência, no entanto, não o impediu de lançar recentemente uma série de perfumes com seu nome, em parceria com a loja de departamentos Neiman Marcus e o grupo Perfumes y Diseño. Ele tira os óculos do rosto e movimenta as hastes em diferentes direções. “Meus óculos são os melhores

do mundo. Foram desenvolvidos a partir dos movimentos da clavícula humana.” Starck se considera o inventor do design democrático: trabalha no mundo do luxo, mas também no mundo popular. “Sou o único designer que faz os dois. O único que é capaz de fazer com que um objeto custe €1 para todo o mundo [uma mamadeira], e, por outro lado, faz o barco mais caro da história, como o que fiz para Steve Jobs.”

Ainda que realize projetos arquitetônicos grandiosos, são as peças de design, em que reimagina o cotidiano e o uso de objetos do dia a dia, que deram ao designer a fama de revivalista. A linha Louis Ghost, por exemplo, é uma cadeira barroca Luís XV revisitada, que utiliza policarbonato, material elaborado à base de resina. Se em outros tempos o uso de plástico em móveis não era muito bem visto, com a visão de Starck, tornou-se sinônimo de modernidade e refinamento. Um dos seus produtos mais conhe-



Starck vem regularmente ao Brasil há sete anos para trabalhar em empreendimento em São Paulo

cidos é o espremedor manual de cítricos Juicy Salif, que deixa evidente seu método. Com formato inusitado lembrando uma escultura, a peça de alumínio com três pés busca transformar o ato corriqueiro de fazer sucos em uma experiência diferente.

Ele se anima. “Eu sou Robin Hood! Ele tira dos ricos para dar aos pobres. Eu faço certas realizações, que custam muito dinheiro, porque merecem, mas aprendo as coisas e me sirvo delas como laboratório de experiências. Tudo o que é feito ali é compartilhado diretamente para pessoas que têm menos dinheiro”, diz. Na sua lista de produtos pouco caros há 51 itens. “Todos bonitos, feitos para devolver a dignidade a pessoas que não têm dinheiro, devolver elegância a jovens mães.”

Para Starck, a irreverência é uma obrigação permanente, e temos o dever de trazer coisas novas para a sociedade. As pessoas que copiam não fazem parte da sociedade — são inúteis e ladrões, diz. Segundo o designer, vivemos numa sociedade que fala muito em criação e que faz muito menos do que acredita fazer. Ele retoma sua metáfora sobre as curvas da evolução humana para explicar por que o mundo, em sua opinião, caminha politicamente para a direita nos dias atuais. “Quando estamos embaixo, vamos sempre para a direita”, diz. “As pessoas de direita são as que têm medo. O crescimento da direita está ligado diretamente a paranoia”, continua. “Quando estamos no alto da curva, temos menos medo e podemos nos permitir ir para a esquerda — é este pensamento que muda o mundo. O pensamento de direita nunca mudou nada.”

“Sou o único designer que é capaz de fazer com que um objeto custe €1 e, por outro lado, faz o barco mais caro da história, como o que fiz para Steve Jobs”

Otimista, Starck acredita que uma solução e um sistema serão encontrados para resolver as desigualdades do mundo atual. “Nossa história mostra que somos pessoas extraordinárias. Isso quer dizer que criamos problemas, mas que sempre encontramos as soluções. O único defeito é que as encontramos todas as vezes um pouco tarde.”

Starck, que se casou duas vezes, tem cinco filhos, de quatro mulheres diferentes. No casamento atual, com Jasmine, tem uma filha, um modelo de família contemporânea que vem mudando nas últimas décadas. O designer antevê uma revolução. Diz que chegará ao fim a moral judaico-cristã, que determina os valores do bem e do mal, sob a qual temos vi-



## Cardápio

Kinoshita, São Paulo

Omakase (menu-degustação)	4	360
<b>Subtotal</b>		1.440
<b>Serviço</b>		158,40
<b>Total</b>		R\$ 1.598,40

\*As bebidas e os cafés não foram cobrados

vido nos últimos 2 mil anos. “Essa será a grande revolução do futuro, na qual as grandes estruturas já não serão as mesmas. Estamos vivendo o começo da maior revolução desde o início da era judaico-cristã.” Nossa principal luta, em suas palavras, é ter legitimidade para existir e questionar, servir o mundo com o que sabemos fazer. “Sei ter ideias. Sei exprimi-las, sei produzi-las. Tentei orientar minha produção no sentido de uma produção ética, política, ativista e rebelde.”

Literatura, música e ciência são os interesses de Starck fora do trabalho. O escritor e poeta francês Victor Hugo (1802-1885), para ele, é “o grande mestre universal”. “Como alguém pode ter aquela nobreza de espírito? Aquela compreensão universal? E a capacidade de exprimi-la assim, simplesmente?” O designer gosta de eruditos a rock e música de Carnaval. Considera muito burguês, por exemplo, achar que a música clássica é uma coisa incrível. “Há umas bobagens, como Vivaldi. Mesmo em Mozart há coisas idiotas, porque ele compunha para agradar ao rei, fazia coisas por encomenda, para ganhar dinheiro, então há coisas muito prostituídas na música clássica. Muito mais do que no reggae. Então, prefiro o reggae a uma grande música que é comércio.”

Starck dá um último gole na cerveja. “O egoísmo não pode fazer nada avançar. Porque concentra tudo no bolso, no cofre de alguém. O egoísmo não tem futuro. Se espécies animais tivessem sido egoístas, não estaríamos aqui. Há belos estudos que falam do altruísmo, até mesmo entre animais que ajudam os outros.” ■